

A LENDA DO URURAU NAS GEOGRAFIAS INFANTIS: UMA EXPERIÊNCIA PARA APRENDER LUGARES E PAISAGENS

Autor (1) Hortência de Jesus Rodrigues Alves; Orientador (3): Regina Célia Frigério

Universidade Federal Fluminense – welton.hortencia@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de um projeto desenvolvido para a elaboração do trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes, RJ, em 2016, sobre a viabilidade de lendas como recurso didático no ensino da geografia, em especial na construção das categorias geográficas pelas e com as crianças. A intenção desse trabalho surgiu a partir da minha experiência profissional na sala de leitura de uma escola particular. O fascínio das crianças pela literatura e a atratividade das lendas trouxe-me o questionamento: Que geografias as lendas desvelam, propiciando a construção de paisagens e lugares, por crianças do ensino fundamental? Como potencializar os modos de crianças olharem o mundo aprendendo geografias que lendas trazem em si? Foi desenvolvido um projeto a partir da lenda do Ururau da Lapa, no qual as crianças do segundo ano da escola Centro de Educação Criativa, Campos dos Goytacazes, RJ, foram os sujeitos que dialogaram acerca das geografias das lendas em especial as categorias paisagem e lugar.

Palavras-chave: Geografias, lenda, paisagem, lugar.

Começando a escrever uma nova lenda (introdução, justificativa)

No decorrer da minha trajetória como professora tive a oportunidade de trilhar um novo caminho. Trabalhei com diferentes turmas, de diferentes anos do Ensino Fundamental I, em uma proposta de sala de leitura cujo objetivo era estimular o hábito de ler, visando a formação de uma comunidade escolar leitora, aliando de forma interdisciplinar os componentes curriculares desse segmento escolar, explorando, sempre que possível contos, lendas, fábulas, poesias junto aos conteúdos programáticos propostos para cada ano.

Nesta empreitada percebi que ser professor implica em saber olhar o outro, como enfatiza Charlot (2013, p.163): “temos de ler o mundo com a lógica dos outros, com os olhares dos outros, para entender como se constrói a experiência dos outros, como se estrutura o mundo dos outros.”. Com esta perspectiva entendo que o docente deve investir em conhecer as crianças, suas expectativas, suas ideias, seus valores, elaborando para isto e a partir disto estratégias de mediação didática e de interação entre sujeitos da educação para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra com mais facilidade e para que as crianças se apropriem dos conteúdos discutidos e analisados em aula.

Neste sentido, entende-se mediação didática como: “um processo de constituição de uma realidade a partir de mediações contraditórias de relações complexas, não imediatas.” (LOPES, 1999, p.209).

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Valendo-me deste entendimento, apresentei como principal proposta da sala de leitura não só levar as crianças a compreenderem os gêneros textuais e contextualizá-los com os conteúdos curriculares, mas explorá-los em elaborações cognitivas tais como construção de histórias em quadrinhos, encenação de fábulas, produção desenhos e pinturas para promover a participação ativa das crianças em atividades práticas.

Na contação de histórias na sala de leitura, vi muitos olhinhos brilhando com lendas. Numa primeira busca, vi que este era um gênero literário pouco usado no ensino de geografia. Decidi investir nesta trilha...

Perguntando às lendas, geografias de como aprender... (problema, objetivos)

A leitura de qualquer gênero textual pode ser feita de duas maneiras: reflexiva e crítica, buscando conduzir os sujeitos leitores à condição de questionadores das palavras, dos argumentos e das opiniões impressas no texto, para produzirem reflexão e estudo crítico, ou a leitura pacífica e assimiladora, que seria a leitura corrida, visando a memorização, a assimilação das ideias contidas nas palavras, sem que sejam levantadas indagações, dúvidas, questionamento. (RODRIGUES,1984)

Os educadores, em sua prática educativa, podem levar suas crianças a um desses dois tipos de leitura, seja de forma intencional ou não. Os que conduzem seus educandos a uma leitura pacífica, assimiladora; os conduzem a desenvolverem o “instinto de tartaruga: de defender-se, fechar-se ao mundo, recolher-se para dentro de si mesma e, em consequência, nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar.” (RODRIGUES, 1984).

Promovendo a leitura não reflexiva, anulamos a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2013), a capacidade criativa das crianças, a sua leitura de mundo, e principalmente a heterogeneidade cultural existentes nas salas de aula.

No desejo de investigar trilhas que conduzam a condições de leitura reflexiva, respostas não engessadas a questões que lendas perguntam, coloquei como questão a me orientar na empreitada: **Que geografias as lendas desvelam, propiciando a construção de paisagens e lugares, por crianças do ensino fundamental? Como potencializar os modos de crianças olharem o mundo aprendendo geografias que lendas trazem em si?**

Vivendo a lenda no cotidiano da pesquisa... (produção e discussão de dados)

A lenda virou lenda... Seus personagens eram as crianças envolvidas, cada uma com sua história de aprender, como peça perfeita para encaixe na imagem construída para a pesquisa

de aprender. A lenda era como um tecido onde bordavam suas compreensões sobre as categorias geográficas: lugar e paisagem. O desenho e a fotografia foram linhas e formas para mostrar como as crianças concebem categorias e noções geográficas, como a orientação espacial. O trabalho de campo foi o espaço tempo que permitiu as crianças viajarem, voarem no processo ensino-aprendizagem, para além dos muros da escola...

Empreender o momento da pesquisa exigiu o planejamento detalhado do projeto, com escolhas de ações e de recursos didáticos, com questionamentos intencionados e flexíveis, com espaços e tempos previstos de forma a buscar caminhos futuros de novas aprendizagens.

O projeto: quando a lenda começa a fazer histórias

Objetivos:

I-Estimular a elaboração das imagens a partir dos estudos das lendas

II-Dialogar com as crianças sobre e com as imagens elaboradas por elas durante os encontros para o estudo das lendas;

III-Investigar como as crianças identificam as categorias geográficas por meio da leitura e representações imagéticas das lendas utilizadas na pesquisa;

Público Alvo: 2º ano do Ensino Fundamental.

Proposta de trabalho:

A leitura e análise das lendas pelas e com as crianças será realizada de maneira que elas apresentem suas próprias significações acerca do lugar e da paisagem apresentada nas lendas; além disso por meio de suas narrativas serão elencados os possíveis conteúdos de Geografia que podem ser abordados com as lendas apresentadas.

A primeira lenda analisada será o “Ururau da Lapa”, lenda campista que conta a história de um amor proibido entre um pobre rapaz e uma moça rica. Talvez esta seja a lenda mais antiga da cidade de Campos dos Goytacazes.

O ponto auge da história acontece nas proximidades da Igreja da Lapa quando o pobre rapaz é alvejado por um tiro, cai no Rio Paraíba do Sul e se transforma “milagrosamente” em um jacaré (o Ururau).

Neste trabalho foi utilizado o livro : “Ururau Pançudo” de Carmen E. S. Gomes e Sylvia Paes (2014). Um livro elaborado especialmente para o público infantil, com o uso de linguagem regional e dados culturais expressivos da cidade de Campos dos Goytacazes.

Metodologia:

1ª etapa.

Foi realizada uma conversa prévia com as crianças, falando-lhes que durante alguns dias estaria estarei lhes contando uma história bem legal, que aconteceu na nossa cidade. Em seguida, foi entregue uma folha em branco para que elas desenhassem, o lugar, que será o cenário da história - a Igreja Nossa Senhora da Lapa, fotografia 1- a partir de algumas pistas, características citadas pela autora:

I- A Igreja Nossa Senhora da Lapa fica na curva da Lapa, às margens do Rio Paraíba do Sul.

II- Ela é formada por uma torre com um sino;

III- Possui uma porta principal, com duas janelas do lado;

IV- Uma cruz no alto

V- Faz parte da igreja um casarão com uma porta e várias janelas, onde há muito tempo foi instalado um seminário.



Fotografia 1: Igreja Nossa Senhora da Lapa – Campos dos Goytacazes.

Fonte: Página da skyscrapercity.com

2ª etapa.

- Até agora, os alunos demonstravam que sabiam apenas que a história se passa na nossa cidade e que acontece nas proximidades da Igreja da Lapa, mas quem poderia dar um palpite de qual é o personagem principal da nossa história?

Após ouvir alguns palpites foi apresentada uma caixa preta com um furo no centro, dizendo que dentro dela estão alguns elementos que os ajudarão a decifrar quem é o personagem principal da história.

Foram conduzidos a retirarem um elemento de cada vez da caixa, permitindo que ele e os seus colegas verbalizem suas opiniões sobre quem é o personagem principal da nossa história.

Dentro da caixa havia: uma blusa masculina quadriculada, um sapato masculino, uma calça, um coração, a imagem de um rio, um ovo e algum objeto com estampa de jacaré (bolsa, carteira, sapato) .

Os objetos selecionados têm como intuito levar os alunos a seguinte conclusão: o personagem é um homem apaixonado que virou um jacaré – O URURAU.

Após decifrarem o personagem principal, lhes entregarei uma folha para que desenhe-o de acordo com sua imaginação.

3ª etapa.

Foi contada a história “Ururau Pançudo” para as crianças, sem o uso das imagens, fazendo algumas atividades dirigidas.

Na página 9, vide livro em anexo, explorei a seguinte pergunta: “Onde você mora?”, pedi para que os alunos respondam essa pergunta desenhando e expondo para os seus colegas seu desenho (permiti que contassem como é o lugar onde moram, o que mais gostam nesse lugar).

Na página 13, o Ururau conta que a sua casa, o rio Paraíba do Sul, está sendo poluída com lixo. Após narrar esta parte da história perguntei as crianças:

- Vocês concordam com o Ururau, o rio Paraíba está poluído?
- As pessoas jogam lixo no nosso rio?
- Por que elas fazem isso?
- O que poderia ser feito para que as pessoas deixassem de poluir o nosso rio?
- Como o rio Paraíba está? Represente por meio de um desenho.

Na página 17, a moça bonita que se encanta pelo jovem rapaz vai a cidade fazer compras. Mediante a isto, questionei as crianças:

- Em que lugares vocês acham que ela foi fazer as compras? Pense bem e em casa cole imagens desses lugares.

Ao trazer as imagens lhes questionei o porquê dos lugares selecionados por eles e as características desse lugar.

Na página 25, há um trecho que remete a festa de São Salvador, festa religiosa tradicional de Campos dos Goytacazes. Está festa acontece na praça São Salvador.

- Você a conhece? Conseguiria desenhá-la pra mim?

Entreguei as crianças uma folha em branco para que elaborem o desenho. Em seguida,

mostrei a eles imagens antigas da praça para que eles apontem que elementos foram modificados.



Fotografias 2 e 3: Foto antiga da Praça São Salvador. Fonte: Folha da Manhã online

4ª etapa:

Contei a história para as crianças, novamente, utilizando as imagens do livro, mas dando ênfase a imagem da Igreja da Lapa, ao personagem principal da história, do Rio Paraíba, as compras da moça bonita e a praça São Salvador; para que as crianças possam comparar seus desenhos com as imagens do livro.

5ª etapa

Com a autorização dos pais, levei os alunos para um trabalho de campo na Igreja da Lapa, para que eles observem as características deste lugar pessoalmente; os conduzi a tirarem fotografias dos pontos que lhe chamam mais atenção, do rio Paraíba e da parte da igreja eles acham que o Ururau vê de dentro do rio.

Pedi que trouxessem para a próxima aula fotos do lugar onde moram, para fazermos uma exposição.

6ª etapa.

Elaborei com eles um mural no qual localizaram, em um mapa, os lugares mencionados no livro e visitados, com um balão de localização afixando também as fotos tiradas por eles.

As atividades desenvolvidas no desenrolar do projeto apresentaram novas possibilidades de se trabalhar as categorias lugar e paisagem numa perspectiva dinâmica e lúdica. Foram analisados narrativas, desenhos, mapas e fotografias do campo que realizamos à Igreja Nossa Senhora da Lapa (Campos dos Goytacazes,RJ).

A narrativa no âmbito escolar, com crianças, estimula diálogos que favorecem a participação delas no processo de ensino-aprendizagem. Permitem que vivam a constância do “aprender a aprender” como a(u)tores. Trata-se de explorar a História Oral, como preconiza Alberti apud Frigério, 2010, p.48):

[...] um método-fonte-técnica de pesquisa que produz fontes de consulta sobre acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, a partir de sujeitos envolvidos com o objeto da pesquisa e não pretende um “resultado”, assim como não apresenta receitas prontas sobre o seu fazer: é do campo que emergem seus achados.

Para além de respeitar os saberes socialmente construídos, cabe ao educador questioná-los juntamente com os educandos, refletindo sobre os conceitos trazidos, os valores e emoções embutidas. Educar vai além da razão. Envolve emoção e coração. A frase parece utópica, mas quem vive os conflitos, dilemas e conquistas do dia a dia do professor reconhece ou ainda irá reconhecer tal frase como verdade. Ressalto que a afirmativa não tem nada a ver com a inversão de valores e deveres presentes na contemporaneidade, em que os deveres dos pais têm sido colocados e impostos a escola, em especial aos educadores, porém sim com a relação cada vez mais estreita de professores e alunos que juntos dialogam sobre conhecimentos científicos, o dia a dia e sua vida pessoal. Ainda existem professores parceiros, sonhadores, idealizadores, amigos e alunos motivados, envolvidos, capacitados.

O desenho foi uma ferramenta utilizada para observar e compreender como as crianças identificavam as categorias geográficas. A partir dos desenhos foi possível identificar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos para então por meio deles construir novos conceitos, conhecimentos e valores.

Nessa perspectiva, Lopes e Silva (2010, p.174 e 175) são bem enfáticos ao assegurar que:

Estudar o desenho como produção séria e própria das crianças significa, de um lado, compreendê-las como sujeitos sociais competentes, participantes ativos do mundo em que vivem, produtoras de cultura e, de outro lado, ver o desenho, mais do que uma sucessão de fases, como uma forma de expressão e comunicação que contribui significativamente para a apreensão do mundo pela criança.

Vale ressaltar que, ao analisar e estudar o desenho das e com as crianças, não se pode esperar uma cópia fiel do que os nossos olhos veem ao observar a paisagem, pois elas por meio dos seus traços colocam e deixam registrado sua forma de ver a paisagem, e isto é peculiar a cada criança.

Corroborando essa afirmativa Lopes e Silva (2010, p.188) enfatizam que “desenhos de crianças não se configuram como representação da realidade, mas como simbolização de uma realidade imaginada, reapresentada por elas de forma lúdica e inventiva.”

A construção do conhecimento acerca da categoria lugar, com e pelas crianças por meio das lendas, considerou as ideias que elas têm sobre o meio em que estão inseridas, tendo a convicção de que possuem conhecimentos e múltiplos olhares, que vão se formando ao longo de sua trajetória histórica por meio das interações e experiências vividas com familiares, amigos e mídias. Interações que condicionam seus olhares ao que lhes chama mais atenção, ao que atribui significado.

Para Tuan (1983, p.9):

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Logo, considerar as experiências das crianças requer redirecionar os nossos olhos “*adultocêntricos*” para o mundo criado e recriado dia após dia por elas; dando as a oportunidade de aprenderem por meio de suas vivências cotidianas. “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.” (TUAN,1983,p.10)

Portanto, estar atento ao conhecimento prévio dos alunos e a sua bagagem cultural possibilita uma aprendizagem significativa que os estimula e os tornam parte integrante do processo ensino-aprendizagem, além de evidenciar o papel do educador como mediador, instigador de novas possibilidades, indagações e ideias.

A categoria lugar foi trabalhada também no presente trabalho por meio de fotografias. Foi solicitado às crianças que fotografassem o lugar, casa ou rua, que mais gostassem. As crianças, de modo geral, escolheram a sua rua para fotografar, e fotografaram áreas distintas pois a cada uma delas elas atribuíam uma significação diferente.

Os lugares selecionados pelas crianças no projeto, foram espaços que tinham, eram e continuam a ser apropriados por elas por meio das brincadeiras, das conversas com amigos e familiares, das relações estabelecidas com o outro.

A categoria paisagem foi trabalhada a partir dos desenhos produzidos pelas crianças da Igreja Nossa Senhora da Lapa, paisagem destaque do livro “Ururau Pançudo”. A partir da socialização dos desenhos, iniciei um diálogo com as crianças sobre as descrições do que desenharam, perguntando e relacionando o que traziam como noções de paisagens ao que registraram em seus desenhos.

Vali-me do conceito de Santos (2008, p.40) que em sua aparente simplicidade, carrega a complexidade do que propõe:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc

Para abordar as categorias geográficas é necessário buscar práticas pedagógicas, diferentes de discursos do professor e do livro didático voltados para a exposição. É preciso trabalhar com procedimentos que envolvam problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, visando a elaboração de hipóteses e explicações sobre as relações, permanências e transformações que se encontram em interação (PCNs,1997).

O trabalho de campo alia teoria e prática e atua como um meio facilitador no processo de ensino-aprendizagem no qual aluno e professor constroem juntos o conhecimento. De acordo com Canpiani e Carneiro, citados por Pereira e Souza (s.d. p.3) o trabalho de campo desempenha quatro funções na prática educativa:

Ilustrativa, cujo objetivo é ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; motivadora, onde o objetivo é motivar o aluno a estudar determinado tema; treinadora, que visa a orientar a execução de uma habilidade técnica; e geradora de problemas, que visa orientar o aluno para resolver ou propor um problema.

Para a finalização do projeto, planejei juntamente com as crianças, utilizarmos um mapa de Campos dos Goytacazes para localizarmos os lugares que estudamos no decorrer do projeto.

Em círculo, conversamos acerca do que é uma planta e identificamos as ruas, os bairros da nossa cidade e o rio Paraíba do Sul. As crianças não olhavam pra mim, o foco delas era a planta.

Perguntei-lhes se já haviam trabalhado com mapas ou plantas: das quinze crianças que estavam na sala neste dia, somente duas disseram que manuseavam mapas em casa, mas na escola elas não tinham realizado ainda nenhuma atividade utilizando mapas. Tal constatação provocou reflexões acerca de algumas questões: por que alguns professores do Ensino Fundamental I se recusam a trabalhar cartografia com as crianças? Será que é porque acham que os alunos são “novinhos” demais para compreenderem e fazerem a leitura do espaço e suas transformações ou por que tem dificuldades, não sabem analisar materiais cartográficos?

Entre o primeiro e o quinto ano do Ensino fundamental as crianças devem estar em um processo que chamamos de alfabetização cartográfica, que segundo Dias (2009, p.4) é um:

processo de domínio e aprendizagem de uma linguagem constituída de símbolos, de uma linguagem gráfica (a cartografia possui códigos e símbolos definidos – convenções cartográficas) No entanto, não basta à criança desvendar o universo simbólico dos mapas; é necessário criar condições para que o aluno seja leitor crítico de mapas ou um mapeador consciente. O processo de alfabetização cartográfica compõe essa apropriação e interpretação dos símbolos cartográficos, que podem oportunizar ao aluno a aplicabilidade posterior em leituras de mapas e contextos espaços-temporais.

Dando prosseguimento ao trabalho com a planta do município de Campos dos Goytacazes, as crianças pintaram o rio e fixaram nele um balãozinho de localização; posteriormente localizaram os lugares que visitamos no trabalho de campo: a Igreja Nossa Senhora da Lapa e a Praça São Salvador.

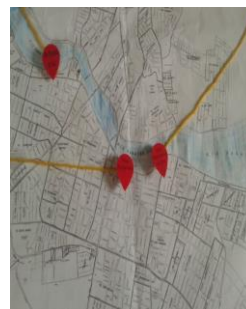
Inicialmente, deixei que os alunos procurassem os lugares no mapa sozinhos, sem fazer nenhuma ponderação. Queria observar se eles utilizariam algum critério para facilitar o trabalho. Para localizar a praça um aluno falou:

-“*Gente , temos que achar o Centro. A praça fica no Centro!*”

Logo após a colocação, ele localizou o centro e posteriormente a praça. Então fixou o balão de localização nela.



Fotografia 19: Crianças pintando o Rio Paraíba do Sul.



Fotografia 22. Balões em seus lugares.

Criando espaços, lugares e tempos para outras lendas...

As crianças, sujeitos dessa pesquisa, revelaram por meio de suas falas, desenhos e fotografias como elas identificam e compreendem as categorias: paisagem e lugar. Os desenhos e as fotografias desvendaram as geografias da lenda “Ururau da Lapa” sob o olhar e as concepções das crianças.

A lenda apresentou-se como um prato cheio de traços, linhas e expressões geográficas. A lenda despertou o interesse das crianças para uma de Geografia cheia de encantos e fantasias.

Dessa forma, pode-se lançar mão das lendas como um ótimo recurso didático para o ensino de Geografia, juntamente com a elaboração de desenhos e fotografias. O ato de fotografar e desenhar faz com que as crianças sintam-se produtores do conhecimento, pois as possibilitam mostrar a sua Geografia, a sua visão acerca do lugar a qual faz parte e das paisagens que circundam o seu dia a dia.

A contribuição para a melhoria da educação no Brasil virá de dentro da escola. Os que vivem o cotidiano escolar, professores e alunos, conseguirão apontar novos caminhos e “jeitos” de se fazer a educação. Ousei trabalhar com entusiasmo, pois entendo que preciso estar na escola, vivenciar cada dia, conhecer os alunos, para por meio das minhas experiências poder trazer alguma contribuição. Tal afirmativa nos remete ao sentimento de mundo que Alves e Garcia (2002, p.260) falam: “sentir o mundo e não só olhá-lo, soberbamente, do alto ou de longe.” E ainda:

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a ler o corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá (ALVES; GARCIA, 2002, p. 261).

Estar na sala de aula, mergulhar inteiramente nessa realidade, ver para além do que já tinham visto, foi um desafio que ousei enfrentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite .**O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- DIAS, T. S. **Cartografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental: para ler além das convenções**. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20\(999\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20(999).pdf) Acesso em: 15 de jan.2016
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 44º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FRIGÉRIO, Regina. **“Essa rua é a melhor do mundo...” Vivências do lugar MUNDO-RUA foto - “grafado” por crianças**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- LOPES, A. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. RJ:EDUERJ,1999.
- LOPES, J. J. M.SILVA, L.S. P. **Diálogos de Pesquisas sobre crianças e infâncias**. Niterói: Editora da UFF,2010.
- PEREIRA, R. M; SOUZA, J. C. **Uma reflexão acerca da importância do trabalho de campo e sua aplicabilidade no ensino de geografia**. Disponível em: https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/uma_reflexao_acerca_da_importancia_do_trabalho_de_campo.pdf Acesso em: 18 de jan.2016
- RODRIGUES, Gleidson. **Lições do príncipe e outras lições**. 3º ed, São Paulo: Cortez,1984. p.110
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. [HUCITEC,1988]
- TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo :Difel, 1983.